

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	15.11.1974
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

ESTÁ NA HORA DE SALVAR A VIDA HOSPITALAR PORTUGUESA (Concl.)

A CÓLERA ATACARÁ DE NOVO COM O CALOR POIS A REDE GERAL DE ESGOTOS DE LISBOA ESTÁ INFESTADA DE VIBRIÕES VIVÍSSIMOS

O dr. Augusto Martins não acredita na recessão da cólera em Portugal. Quanto muito confirma o adormecimento letárgico presente do vírus. Com o frio invernal. Reconhece as medidas de segurança nacionais que vêm sendo tomadas: um pouco de lixívia na água não faz mal a ninguém e pode desancar o bicho, as mãos lavadas antes de se ir para a mesa, depois da utilização da casa de banho, durante o fenómeno da quotidiana cumprimentação em que — latinos — somos tão férteis...

Porém, as dúvidas do médico provêm de fonte mais pro-

O dr. Augusto Martins, presidente do conselho de administração da Casa de Saúde Santiago de Setúbal (em construção), revela aos leitores do «Diário Popular» a sua teoria:

— A comunidade portuguesa tem estado apreensiva quan-

Entrevista de JOÃO ALVES DA COSTA

to ao problema da cólera. Realmente, as estruturas sanitárias nacionais, de precária capacidade, não tranquilizam ninguém em relação à defesa das populações.

— Mas a cólera...
— Oficialmente já dizem que

formação começaram — pingo a pingo — a noticiar um, dois, três casos, para não alarmar e depois, sobreveio a enxurrada de enfermos, informada aos poucos e poucos, e interlocutor esclareceu:

— Rememorando os factos passados, lembramo-nos de que, na altura do aparecimento entre nós na primeira meia dúzia de indivíduos atacados pelo vibrão colérico, esse facto coincidiu, aproximadamente, nas datas, com o deflagrar de surtos idênticos noutros países, como, por exemplo, Itália, Espanha, Inglaterra, França, etc. Nesses pontos da Europa, ele foi irradiado totalmente, isto é, não ficou assolapado, à espera da ocasião quente para atacar, apenas porque deixou de existir...

— afirma o dr. Augusto Martins

funda e delicada. Ele crê que, infelizmente, a canícula e os odores estivais reanimarão o grave foco, fá-lo-ão investir, de novo, contra as pessoas. E porquê? Uma espécie de ovo de Colombo que passou despercebido (como foi possível?) às autoridades sanitárias respectivas. Esta mais uma dura (talvez mais dura porque epidémica e cíclica) herança que dos tempos da velha senhora nos contemplaram.

fezes e dejectões dos enfermos, tornando-as estéreis. Ora essas fezes, onde pululam vivíssimos os vibrões coléricos, essas fezes coléricas foram deitadas na rede geral dos esgotos de Lisboa, originando uma sementeira generalizada, a qual actuou como foco infestador e, a

partir daí, se propagou ao resto do País.

TRABALHO DE BASE: A DESINFECÇÃO DOS COLECTORES GERAIS

— Que há a fazer para debelar a crise causada pelo esquecimento (!)?

— Águas passadas não movem moinhos. Os colectores gerais mantêm o vibrão e só pergunto: quando vamos começar com um trabalho de base, sério, tratando das redes gerais de esgotos, na tentativa de os desinfectar?

Em conclusão:

— Julgo que a solução definitiva venha dos engenheiros sanitários. Eles terão de puxar pela caixa craniana, antes de dizerem de sua justiça.

Nota:
Termina aqui a terceira série de artigos incluídos no de-

nominador comum «Está na hora de salvar a vida hospitalar portuguesa», na qual, de forma desassombrada e honesta, foram citados alguns dos erros ou carências que empanam a existência de um serviço sanitário nacional em condições de oferecer aos portugueses aquilo que amplamente merecem: uma vida hospitalar funcional, capaz de ultrapassar as balbúrdias do momento, as leis que liricamente ficam na gaveta e na boa vontade (é pouco!) de quem as elabora, os irracionais projectos de fachada, a indigência apocalíptica que irmana os locais de Urgência, os interesses privados que maleficamente se sobrepõem ao direito à saúde.

Ninguém se lembrou de fazer o tratamento das fezes e dejectões dos enfermos, tornando-as estéreis. Ora essas fezes, onde pululam vivíssimos os vibrões coléricos, essas fezes coléricas foram deitadas na rede geral de esgotos de Lisboa, originando uma sementeira generalizada, a qual actuou como foco infestador e, a partir daí, se propagou ao resto do País.

a cólera vai ficar como forma endémica em Portugal, por muitos anos (!) e com surtos epidémicos, sempre que o calor aumentar. As consequências estão bem à vista: Quantos portugueses morrerão? Em quanto será afectada a fonte de receita do nosso turismo? Como nos enquadramos com um Portugal sujo sanitariamente no contexto dos restantes países europeus?

Focando o assunto, desde o início, quando os meios de in-

— Em Portugal porque não aconteceu isso?

— Porque alguém tratou de bisbilhotar o que de anormal aconteceu entre nós e veio

As consequências estão bem à vista: Quantos portugueses morrerão? Em quanto será afectada a fonte de receita do nosso turismo? Como nos enquadramos com um Portugal sujo sanitariamente no contexto dos restantes países europeus?

com uma resposta de alta gravidade que ceixo à consideração de quem quiser retomar o fio à meada... Ou seja, dizem que o hospital do Rego (Curry Cabral) foram isolados os primeiros casos de cólera. Pediu-se, então à Organização Mundial de Saúde, algumas indicações para tratamento dos doentes em questão segundo os esquemas consagrados internacionalmente. Até aí, tudo certo. Houve, no entanto, uma falta imperdoável: ninguém se lembrou de fazer o tratamento das